

## **EDITORIAL: PANDEMIA, CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL E SAÚDE DO TRABALHADOR: UMA REFLEXÃO SOB A TEORIA DE MILTON SANTOS**

Ana Celeste Casulo<sup>1</sup>

Matheus Fernandes de Castro<sup>2</sup>

Saara Danielle Damasceno Martins Zandonadi<sup>3</sup>

Washington Freire Pessoa<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Psicóloga, Psicanalista, Especialista em Psicopedagogia, Mestranda em Psicologia e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/Assis

<sup>2</sup>Doutor em Psicologia Social e do Trabalho – USP, Professor Assistente Doutor do Departamento de Psicologia Social da UNESP/Assis, Coordenador do Laboratório de Psicologia Ambiental do Departamento de Psicologia Social (LAPA-PET)

<sup>3</sup>Psicóloga, Mestranda em Psicologia e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/Assis

<sup>4</sup>Psicólogo, Especialista em Gestão Estratégica de Pessoas e Psicologia Organizacional, Mestrando em Psicologia e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/Assis

A crise mundial de saúde propiciada pelo avanço da Covid-19 torna-se um dos maiores, se não o maior desafio sanitário do século. Dois fatores saltam aos olhos quando tentamos compreender tal fenômeno: o primeiro é a crise do modelo civilizatório global que, devido à crise estrutural do modo de produção capitalista, passou a se ancorar na implementação de políticas neoliberais, o que levou ao desmonte das políticas públicas (incluindo as sanitárias), ao redor do mundo; o segundo é alta taxa de transmissão do vírus, o que resultou na superlotação dos já precários, quando não inexistentes, sistemas públicos de saúde, nos diversos países atingidos pela Pandemia.

Ressaltamos, por questão de honra, diante da coragem e da dedicação de inúmeros profissionais de saúde, que arriscaram sua saúde física e mental, bem como a própria vida, que as dificuldades enfrentadas pela população usuária do SUS – alto número de mortes, falta de oxigênio e tantos outros itens básicos para o trabalho – se deveu muito mais a uma política deliberada de desmonte da saúde pública brasileira do que a possíveis erros técnicos. Trata-se de uma política neoliberal de desmonte de um tipo de Estado que investe em sua população e de incentivo ao comprometimento com a privatização de tudo o que for possível, para direcionar seus investimentos na produção de infraestruturas territoriais para a expansão do meio técnico científico informacional (SANTOS, 1996). Portanto, um Estado mínimo para o povo, mas muito forte para manter as condições ideais de exploração deste último.

Assim como no Brasil, em muitos países, as recomendações da OMS, pelo isolamento social e pela paralização de cadeias produtivas, não foram seguidas, o que dificultou a estabilização da curva epidemiológica. O resultado disso foi um alto nível de morte e de contágio entre os trabalhadores, além da produção de outras variantes da Covid-19, ainda mais contagiosas e, por isso, mais letais. As diferentes posturas dos países frente às recomendações da OMS, contribuíram ainda mais, para o agravamento da crise econômica global que vem se arrastando e aprofundando as desigualdades, bem como transformou radicalmente as relações sociometabólicas, nas sociedades capitalistas.

Em países pobres como o Brasil, os efeitos de uma condução político eleitoreira da pandemia, por parte do governo federal, de alguns governos estaduais e municipais, juntamente com a crise financeira que já vinha se

arrastando desde 2008, tiveram efeitos catastróficos na população brasileira, sobretudo nos setores mais pobres: um número exorbitante de trabalhadores perderam suas vidas devido à pandemia. Segundo o Dieese, o desligamento por morte de trabalhadores com CLT cresceu 71,6%, somente no primeiro trimestre de 2021. A pandemia se consolida, a cada dia, como um importante fato histórico que afeta o mundo todo, ou seja, o espaço global, de forma contundente e que precisa ser analisado para que possamos construir alternativas aos seus profundos impactos na sociedade mundial.

De acordo com Milton Santos (1985) é impossível pensar o espaço sem o tempo, ou seja, pensar os processos territoriais que envolvem o desafio sanitário atual sem levar em consideração o período histórico de crise estrutural do capital. Dessa forma, nesse momento pandêmico, faz-se importante refletir sobre a dinâmica globalizante neoliberal que ao falar de liberdade para a economia, como receita de sucesso para nossa civilização, está nos levando, rapidamente, ao encontro de um colapso ambiental e social, quando observa-se que os recursos naturais encontram-se exauridos e sem capacidade de recuperação (MARQUES, 2015). Essa mesma tendência global, anterior à pandemia, tem produzido uma grande diminuição da industrialização e um aumento expressivo do setor de serviços, o que viabilizou empreendimentos digitais e o fortalecimento do que hoje chamamos de Capitalismo de Plataforma, fundado, principalmente, na grande utilização de tecnologia, na desregulamentação das condições de trabalho e em uma remuneração pífia aos trabalhadores: precarização. É preciso pensar sobre os efeitos dessa catástrofe na saúde do trabalhador, assim como as novas formas de trabalho e vida decorrentes desse processo, como a tão falada Uberização.

Tradicionalmente, as questões de saúde coletiva eram caracterizadas por uma dicotomia entre o indivíduo e a sociedade, de modo a reduzir os processos de saúde/doença a uma abordagem física e biológica. Esta prática era indiferente à realidade social, levando os profissionais a cometer ações descontextualizadas do tempo e do espaço e a individualizar os problemas sociais (SILVA, 2003). Contudo, o acompanhamento temporal dos problemas vivenciados pelos trabalhadores no ambiente de trabalho evidenciou como cada modernização produtiva desencadeava novas formas de adoecimento, no trabalho. Sendo assim, tornou-se necessário perceber a saúde sob o olhar

de um equilíbrio entre o sujeito e o ambiente, ou seja, a inter-relação entre as condições materiais e imateriais, biológicas e sociais, objetivas e subjetivas que determinam a constituição da pessoa (humana) que trabalha.

Correntes teóricas como a Psicodinâmica do Trabalho e do Desgaste Mental, possibilitaram grandes avanços na forma como os pesquisadores passaram a compreender a relação do trabalhador com as condições do trabalho, mas principalmente, com sua organização. Dentro deste novo olhar é preciso compreender o processo saúde/doença levando em consideração o período histórico, social e as condições materiais nas quais se encontram os trabalhadores e, assim, superar o enfoque individual no processo saúde/doença, buscando uma saúde coletiva. Tal proposição, entender a saúde como algo produzido coletivamente, se evidencia no contexto atual, pela necessidade de que todos usem máscara, ou se vacinem, para que a produção de saúde atinja, de forma efetiva, cada indivíduo. A organização social da vida interfere diretamente na saúde de cada um, assim como a saúde de cada um é fundamental para a saúde de todos: se isso não era muito evidente para alguns, depois dessa pandemia, ficou ainda mais difícil de se negar.

Dessa forma, referenciais teóricos múltiplos advindos da sociologia, da geografia, da economia, da política, dentre outros, passam a compor um importante quadro de amparo ao estudo da saúde do trabalhador. A partir da Geografia da Saúde, Guimarães (2015), embasado na teoria do espaço de Milton Santos, aponta que há um novo padrão para que se compreenda o adoecer, que não mais se explica, apenas, pela natureza orgânica, mas pela possibilidade da manutenção ou não de um bem-estar integral do sujeito, evidenciando a importância dos fatores físicos, psíquicos e sociais. Dentre os muitos ganhos propiciados por esta nova forma de compreender o processo saúde/doença, podemos dizer que a partir dela é possível transformar o enfoque reabilitador e terapêutico em um enfoque preventivo. Os processos que envolvem a saúde do trabalhador, não podem mais ser analisados como a ausência de doença, de sintomas físicos, mas como um bem-estar completo: há uma dimensão cultural e social da doença. Tudo isso leva a necessidade de pensar novas formas de atuação pautadas nesse referencial mais complexo sobre o sujeito e coloca, de forma clara, a possibilidade da Psicologia Social e do

Trabalho buscarem na Geografia um referencial para vencer seus obstáculos.

A teoria do Espaço de Milton Santos, decorrente de uma obra muito vasta, com mais de 30 livros publicados, além de diversos outros materiais, nos permite uma compreensão do homem como um ser totalmente imbricado ao lugar onde vive, bem como ao resto do mundo. Segundo Santos (1996), no período técnico atual, marcado pelo meio técnico-científico-informacional, a lógica perversa do capitalismo, que tem a globalização como a forma suprema do seu imperialismo, promove mudanças tanto nas diretrizes que tentam conformar o território como no uso que a sociedade faz dele. Tal relação, dentre outras coisas, tem sido marcada pela intensificando da desigualdade e da exclusão social, o que provoca a precarização do trabalho e da vida, conseqüentemente, a precarização da saúde (SANTOS, 2003). É preciso ficar claro, contudo, que esta ação globalizante não se dá no lugar sem uma negociação com as pessoas e com as instituições, ou seja, com tudo que ali já habitava antes dela.

Sobre esta dinâmica espacial de precarização da saúde, Guimarães (2015, p. 36) diz que:

Há aqueles poucos que estão inseridos no circuito mundial de alta tecnologia e do capital, beneficiando-se das novas formas de consumo e de circulação da informação. São pessoas que usufruem dos serviços de bancos, do comércio e da indústria de exportação e das comunicações por meio de circuitos remotos e eletrônicos via satélite, ou da rede mundial de computadores. Mas a maior parte da população urbana dos países pobres ainda trabalha nos setores tradicionais ou faz parte da economia informal. É a cidade das filas, do comércio dos camelôs e do transporte clandestino dos perueiros etc. que sofre as dificuldades, as carências, a falta de recursos nas emergências médicas e de vagas nas escolas.

Essa reflexão, espelha muitas das obras de Milton Santos e nos leva a imaginar, assim como perceber, que contingências históricas globais atingem as pessoas, em seu cotidiano, no lugar onde vivem, de forma desigual. Desse modo, o mundo capitalista neoliberal, do século XXI, é marcado por uma aceleração dos fluxos e pela imposição de uma ordem e de uma racionalidade, que vão organizar a divisão do trabalho e as

solidariedades cotidianas, de forma a inviabilizar a produção de uma cidadania crítica e consciente. Temos observado, entre os trabalhadores, em nossas pesquisas, que a dificuldade para compreender a forma de organização do trabalho, que se evidencia no espaço atual, assume grande potencial para culpabilizar os trabalhadores pela sua própria miséria.

Culpabilizar as vítimas pelo adoecimento e pelos acidentes sofridos. Sobre estas bases, apoia-se em ideias que recusam o próprio sentido ontológico do trabalho, o que dificulta uma compreensão mais contundente sobre a importância da atual divisão do trabalho, bem como, sobre a relevância da organização do trabalho e sua influência em nosso cotidiano. (CASTRO, p. 191, 2021)

Assim, a precarização do trabalho acaba por banalizar a saúde do trabalhador, o que nos permitiria compreender, se não o, pelo menos um dos motivos de tantas mortes que poderiam ser evitadas nesta pandemia, mas que infelizmente são constantemente banalizadas, por alguns. O descaso com a saúde e a vida dos trabalhadores é um dos temas mais presentes nas discussões dentro da psicologia social e do trabalho e um dos grandes problemas da sociedade hodierna, no mundo todo. Os modos de produção Toyotista e a atual Uberização do Trabalho se espalharam por todo o mundo, substituindo e/ou complementando formas mais antigas de produção, constituindo territórios complexos, marcados por desigualdades de todos os tipos, ampliando as dificuldades da construção de análises pertinentes e intervenções que permitam reverter o quadro atual, agravado pela pandemia.

Nesse sentido, a obra de Milton Santos é fundamental para que se encontre as pistas que podem conduzir à compreensão ampla da recuperação de possibilidades de produção de uma prática de saúde pública, que faça sentido tanto para a singularidade de nosso local, como para a complexidade e a universalidade do espaço global. Com certeza sua teoria não é o remédio para todos os males que nos afligem como humanidade, mas ao desvelar a relação do sujeito com os sistemas de objetos e sistemas de ação que constituem o espaço contribui para ampliar nossas possibilidades de análise dentro do campo da saúde do trabalhador, pautada em uma ação política dos pesquisadores e dos trabalhadores, buscando a consolidação de uma cidadania autônoma e

comprometida com o futuro do lugar e do mundo. Nesse sentido, podemos sonhar com uma saúde do trabalhador pública que venha a fortalecer, ainda mais, nosso Sistema Único de Saúde.

**Nota:** Desligamentos por morte de funcionários CLT crescem 71,6% no primeiro trimestre de 2021, diz Dieese. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/05/14/desligamentos-por-morte-crescem-716percent-no-primeiro-trimestre-de-2021-diz-dieese.ghtml>>.

## Referências

BARRETO, M. Epidemiologia, sua história e crises. In: COSTA, D. C. (Org.). **Epidemiologia – teoria e objeto**. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1994.

GUIMARÃES, R. B. **Saúde: fundamentos de Geografia humana** [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015, 109 p. ISBN 978-85-68334-938-6. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/4xpyq/pdf/guimaraes-9788568334386.pdf>>.

MARQUES, L. Capitalismo e colapso ambiental. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2015.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. Saúde e ambiente no processo de desenvolvimento. **Ciênc. Saúde coletiva**, 8(1). 309-314, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/NwLDv5yhjKPJm3W7j68R9LF/?lang=pt>>. Acessado em: 06 jul. 2021.

SILVA, A. D. da. Complexo geográfico, espaço vivido e saúde. **Caderno Prudentino de Geografia**, n.25, p.97-109. 2003.